

Mediação de leitura no programa BALE: uma proposta para formação e autoformação de leitores

Reading mediation in the BALE program: a proposal for training and self-training of readers

Keutre Gláudia da Conceição Soares Bezerra

Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – Rio Grande do Norte – Brasil

Diana Maria Leite Lopes Saldanha

Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – Rio Grande do Norte – Brasil



Resumo: Mediar a leitura na perspectiva de formar leitores efetivos se apresenta como uma necessidade relevante em nossa sociedade, já que ler fluentemente é uma condição básica para uma vida atuante em nosso contexto social. Este artigo discute sobre a mediação de leitura no espaço do programa de extensão Biblioteca Ambulante e Literatura nas Escolas (BALE). O objetivo é demonstrar a experiência de mediação de leitura efetivada no âmbito do Programa, enquanto ação extensionista que tem como foco a formação e autoformação de leitores e como suporte o texto literário. Trata-se de um trabalho de cunho bibliográfico, voltado para o debate das categorias teóricas que embasam o tema da mediação de leitura, ao mesmo tempo em que apresenta uma proposta prática para mediar o trabalho com a formação de leitores, a partir dos pressupostos trabalhados ao longo das edições do BALE. A título de conclusão, é possível afirmar que a experiência de mediação no espaço do Programa se constitui como uma forma profícua de formar leitores através da literatura, enquanto arte que encanta a humanidade e perpassa as gerações.

Palavras-chaves: mediação de leitura, Programa BALE, formação do leitor.

Abstract: Mediating reading from the perspective of training effective readers presents itself as a relevant need in our society, since reading fluently is a basic condition for an active life in our social context. This article discusses reading mediation in the space of the extension program Biblioteca Ambulante e Literatura nas Escolas (BALE). The objective is to demonstrate the experience of reading mediation carried out within the scope of the Program as an extension action that focuses on the formation and self-training of readers and as support the literary text. This is a work of a bibliographic nature, aimed at debating the theoretical categories that underlie the theme of reading mediation, at the same time that it presents a practical proposal to mediate the work with the training of readers based on the assumptions worked on throughout the editions of BALE. By way of conclusion, it is possible to state that the mediation experience in the space of the Program constitutes a fruitful way of training readers through literature as an art that enchants humanity and permeates generations.

Keywords: reading mediation, BALE Program, reader training.

1 Introdução

A mediação da leitura vem sendo abordada por diversos estudiosos como uma atividade necessária no processo de formação de leitores, especialmente no que se refere ao leitor de textos literários, considerados os mais adequados para desenvolver o gosto pela leitura, desde a mais tenra idade. Diante disso, a mediação torna-se um caminho profícuo para que o objetivo de formar o(a) leitor(a) para a vida toda (Villard, 1999) seja alcançado.

Nesse sentido, o presente artigo intenciona evidenciar o trabalho com a mediação de leitura realizado no âmbito do programa de extensão Biblioteca Ambulante e Literatura nas Escolas, desenvolvido na Universidade do Estado do Rio Grande do Norte desde o ano de 2007, estando atualmente na 18ª edição. Ao longo de sua existência, o referido Programa se expandiu e alcançou grandes proporções na formação de leitores na região do Alto Oeste do Rio Grande do Norte, bem como em outros Estados do Brasil e até em outros países, a exemplo de Cabo Verde e Angola, onde o BALE também desenvolveu oficinas de formação de mediadores de leitura.

Este artigo objetiva ainda difundir as estratégias de mediação de leitura utilizadas pelo BALE na proposta de formação de leitores, que têm a contação de histórias como principal fio condutor do trabalho de mediação entre o texto e os leitores. Para tanto, o Programa conta com cinco projetos voltados para as formas de veiculação do texto, a saber: BALE ponto de leitura, trabalhando com a arte da palavra e com o livro enquanto objeto de desejo; BALE em cena, que apresenta o texto literário através da arte teatral e circense; o BALE formação, trabalhando a formação de mediadores de leitura através da arte educação; o Cine BALE musical, que agrega as artes musical e cinematográfica na mediação do texto literário; e o BALE net, trabalhando a arte digital como instrumento na mediação de leitura.

Através dos cinco projetos apresentados, o trabalho de mediação de leitura realizado no BALE está cada dia mais consolidado como proposta que se

mostra eficiente na formação de leitores, por tratar-se de um trabalho que valoriza a relação de fruição que o texto literário suscita no público, proporcionando, assim, uma sensação de prazer ao ato da leitura que pode perdurar para a vida toda e fazer a diferença no cotidiano das pessoas, pois ler é uma necessidade de todas as áreas formativas.

2 A mediação de leitura no espaço do BALE

Atualmente a leitura se apresenta como uma necessidade básica de nossa realidade, pois para interagir de maneira significativa na sociedade é preciso que tenhamos a habilidade de ler. Como enfatiza Cavalcanti (2002, p. 37), ao refletir sobre as vantagens de ser um leitor, “ler sempre significou uma relação de troca com o universo, pois à medida que nos tornamos leitor, também nos tornamos capazes de ressignificar a realidade de maneira mais inteira, ampla e reflexiva”. Com isso, a autora reforça a relevância da leitura no contexto contemporâneo.

No entanto, é necessário compreender que nem sempre a leitura foi uma prática popular, tendo passado por diversas transformações junto com a evolução social da humanidade. Na perspectiva de Chartier (2007), podemos perceber que ao longo da história a leitura vivenciou algumas revoluções, a começar pela ampliação das possibilidades do ato da leitura, através da prática de ler silenciosamente, que teria sido disseminada em torno do século XII a XIV. Para o autor, com o desenvolvimento dessa habilidade, as pessoas puderam acelerar o tempo da leitura, ler mais obras e compreender textos mais complexos, representando um grande avanço na caracterização da identidade leitora.

Outro acontecimento, que na visão de Chartier (2007) representa uma segunda revolução da leitura, se refere ao aumento da confecção de livros, a ampliação do número de jornais circulando, bem como o início da prática de empréstimo de livros. Segundo o autor, esses eventos se concretizaram por volta do século XVIII em alguns países, como a Inglaterra, a França e a Suíça, o que possibilitou um aumento significativo no total de leitores, já que com a prática

de empréstimo de livros poderiam ler um maior número de obras sem precisar comprá-las.

A terceira revolução apontada pelo autor diz respeito à circulação de textos nos meios digitais, efetivada pela modernização da tecnologia, que modificou a maneira como as pessoas se relacionam com a escrita, pois na era digital os textos podem alcançar qualquer pessoa, o que coloca os leitores em potencial ocupando todos os lugares. Essa terceira revolução apontada por Chartier (2007) se expande cada vez mais na contemporaneidade, numa realidade muito mediada pela tecnologia. Por isso, ao pensarmos a mediação de leitura, devemos considerar também a forma digital de acesso ao texto literário.

Em outro trabalho, Chartier retoma a discussão sobre a leitura na era digital enfatizando que,

[...] a revolução digital modificou tudo de uma vez: os suportes da escrita, as técnicas de sua reprodução e disseminação, e as maneiras de ler. Tal simultaneidade é inédita na história da humanidade. A invenção da imprensa não alterou as estruturas fundamentais do livro, composto, tanto antes como depois de Gutenberg, por folhas e páginas reunidos em um mesmo objeto. Nos primeiros momentos da era cristã, uma nova forma do livro, a do códex, se impôs e se substituiu no rolo ou volumen, mas não foi acompanhada de uma transformação da técnica de reprodução dos textos, sempre assegurada pela cópia manuscrita (Chartier, 2017, p. 19).

O autor reflete sobre as alterações na forma de se ver e se relacionar com o livro e sobre o que essa mudança no formato do texto representa na atualidade, posto que é a primeira vez que a sociedade se depara com uma mudança tão significativa quanto à leitura, escrita e circulação de textos. A era digital proporciona o que o autor denominou de “bibliotecas sem muro dos escritos eletrônicos”, o que implica em um novo olhar para as atividades de mediação de leitura.

A concepção de mediação na qual se baseia nosso trabalho no Programa BALE está epistemologicamente ancorada na visão de Vigotski (2005, 2007), segundo a qual a construção do sujeito

se dá na interação humana, mediada em situações concretas com o outro e com o meio. Para Vigotski (2014), o ser humano amplia sua relação com o mundo a partir da mediação que é feita pelo outro, através da convivência sociocultural. Considerando esses pressupostos, a mediação de leitura realizada no espaço do Programa BALE busca proporcionar uma relação profícua entre os possíveis leitores e os livros a partir de situações de interações permeadas pelo texto literário, em conformidade com o pensamento de Vigotski (2007, p. 20), para quem “[...] o caminho do objeto até a criança e desta até o objeto passa através de outra pessoa.” Na mediação de leitura, essa pessoa se torna uma ponte entre o livro e o leitor, cuidando para que no caminho percorrido a leitura se torne algo agregador para uma formação social e cultural significativa.

Ainda sobre a concepção de mediação, que ocupa um lugar de destaque na teoria histórico-cultural do desenvolvimento humano proposta por Vigotski, o autor defende a troca com o outro como a forma pela qual o ser humano constrói o conhecimento e produz a cultura a partir da experiência social. De acordo com Vigotski (2005, p. 24), “[...] o verdadeiro curso do desenvolvimento do pensamento não vai do individual para o socializado, mas do social para o individual”.

Corroborando com esse pensamento de Vigotski, destacamos o trabalho do filósofo Edgar Morin (2012), ao propor o papel do outro como uma necessidade que já nasce com o sujeito, enquanto ser cultural produtor da própria sociedade. De acordo com o pensamento de Morin,

As interações entre os indivíduos produzem a sociedade e esta, retroagindo sobre a cultura e sobre os indivíduos, torna-os propriamente humanos. Assim, a espécie produz os indivíduos produtores da espécie, os indivíduos produzem a sociedade produtora dos indivíduos; espécie, sociedade, indivíduo produzem-se; cada termo gera e regenera o outro. [...] a cultura e a sociedade permitem a realização dos indivíduos; as interações entre os indivíduos permitem a perpetuação da cultura e a auto-organização da sociedade (Morin, 2012, p. 52).

O autor reitera ainda que a capacidade de aprender está ligada à plasticidade bioquímica do cérebro, que necessita do estímulo do meio para se desenvolver. Com isso, o ser humano necessita da mediação como forma de interação, sendo organizada pelo outro como instância social, capaz de proporcionar interações relevantes para a construção de seres socialmente ativos.

Nesse sentido, a mediação de leitura no Programa BALE, de acordo com Bezerra e Sampaio (2019), proporciona experiências valiosas para a formação de leitores, porque parte do entendimento da interação social como força mobilizadora da construção do conhecimento e da formação social, cultural e pessoal dos indivíduos. Com isso, o BALE se constitui como um espaço no qual a leitura de literatura é vista como algo a ser compartilhado, como um bem que deve pertencer a todos porque nos confere a essência da humanidade, assim como defende Candido (2011).

No contexto do Programa BALE, o instrumento de mediação é o texto literário, partindo do princípio apontado por Candido, de que a literatura exerce ao menos três funções, a saber: satisfazer à necessidade universal de fantasia; contribuir para a formação da personalidade e como forma de conhecimento de mundo (Candido, 2012). Assim, fica evidente a relevância do trabalho com a mediação de leitura que adota como suporte o texto literário, especialmente no trabalho com as crianças. Como afirma Parreiras (2009, p. 17) “[...] a criança pequena depende do adulto para fazer a mediação da leitura. E a criança maior, já alfabetizada, precisa do adulto para aproximá-la do livro, sejam os pais, os tios, o professor ou o bibliotecário.” Acrescentamos aqui como figura importante nessa aproximação da criança com o livro, o mediador de leitura nos espaços sociais, como no caso da extensão universitária, entre outros projetos sociais que se dedicam a trabalhar com a formação de leitores.

Nessa lógica, a importância do trabalho de formação de leitores na realidade brasileira se justifica pela reflexão de De Maria (2016, p. 27), ao mencionar que “[...] no mundo contemporâneo, o conceito de

verdadeira democracia passa pelo decisivo investimento na formação de leitores.” A autora sustenta a pertinência da formação de uma cultura leitora em nossa sociedade, em que não basta apenas ensinar a decifração do código escrito, mas sim, exige um trabalho em que a prática da leitura se forme como algo imprescindível na constituição do sujeito social.

Para tanto, a mediação, da forma defendida por Vigotski (2007), como um processo a partir do qual o ser humano interage com o mundo mediado por instrumentos e signos, se apresenta no campo da formação de leitores como um fazer basilar na busca pela constituição de leitores efetivos. Sobre esse aspecto, podemos enfocar a reflexão de Ávila (2007), ao mencionar o livro de literatura como um dos maiores bens da nossa cultura, pois nele é possível encontrarmos a fala do narrador ancestral mediada pelo outro, através da escrita. De acordo com Ávila,

A mediação permite, pois, a realização de nosso desejo e/ou de nossa necessidade, estando presente em todos os atos significativos de nossa existência. Poderíamos afirmar que sem a mediação não haveria vida social. [...] mediar a leitura é criar esta ponte entre o sujeito, um possível leitor e o livro. É poder construir com o sujeito os caminhos para a superação, de forma lenta e gradual, de suas necessidades de saber e compreender o mundo. É estar com ele, lendo o mundo, a partir do livro (Ávila, 2007, p. 24).

Posto isto, a mediação de leitura no Programa BALE objetiva construir essa ponte entre o livro e o sujeito, que adentra então no mundo da leitura através da interação com o texto literário, o que percebemos como uma prática exitosa, especialmente quando o público é composto por crianças. Como relata Vigotski (2014, p. 61), “[...] a verdadeira educação consiste em despertar na criança aquilo que ela já tem em si, ajudá-la a desenvolvê-lo e orientar seu desenvolvimento em determinada direção.” Assim, mediando dessa forma a leitura, estamos oportunizando a estruturação de pessoas leitoras, pois ao interagirem com o texto literário, os caminhos para a concretização da leitura se farão permanentes no seu dia a dia, tornando-se mais tangíveis.

3 Estratégias de leitura adotadas pelo programa BALE

A mediação é aqui entendida a partir dos princípios de Vigotski (2005, 2007), o qual defende que, enquanto sujeito do conhecimento, o homem não tem acesso direto aos objetos, mas acesso mediado, através de recortes do real, operados pelos sistemas simbólicos de que dispõe. Desse modo, destaca a construção do conhecimento como uma interação mediada por várias relações, uma mediação feita pelos outros. O outro social pode apresentar-se através de objetos, da organização do ambiente, do mundo cultural que rodeia o indivíduo. Nessa perspectiva, a figura do mediador exerce função determinante para o incentivo e a promoção da leitura, seja na escola ou em outros espaços sociais que promovem a formação de leitores, como o espaço do Programa BALE.

O mediador de leitura será o articulador e facilitador da relação entre o leitor e o texto, contudo, essa mediação deve ocorrer de forma segura, o que requer que o mediador seja um leitor e goste de ler. Requer também que utilize textos e suportes variados, oferecendo materiais, caminhos possíveis de serem percorridos, enfim, tentando conquistar a criança a buscar o texto, a leitura. Essa conquista não se consolida de forma obrigatória, mas pela descoberta e curiosidade do sujeito que lê por interesse, dialoga com a leitura e constrói significados a partir do que leu.

Saldanha (2013) defende que não basta apenas circular entre livros para gostar de ler. Sabemos que o acesso ao texto é fundamental, mas esse acesso ganha significado, é validado, se a pessoa for convidada a ler o texto, buscar o texto. Para isso, é importante a convivência com mediadores que estimulem a leitura, utilizem uma diversidade de atividades que possibilitem atrair a atenção do leitor e conduzi-lo ao texto.

Nessa linha de pensamento, o BALE tem adotado várias estratégias de mediação de leitura para serem desenvolvidas nas diversas ações propostas pelo Programa, desde o acesso à variedade de textos e à própria biblioteca, às atividades de mediação de

leitura desenvolvidas pelos projetos. O BALE segue uma sequência de procedimentos teórico-metodológicos que são trabalhados com a equipe interna do Programa, as equipes externas que participam de formações e, posteriormente, nas ações de formação de leitores e mediadores de leitura a serem realizadas em espaços escolares e não escolares.

As estratégias de mediação de leitura utilizadas no Programa BALE respaldam-se teoricamente na experiência de “leitura por andaimes” de Graves e Graves (1995), que se divide em 2 fases: planejamento, que deve considerar o público, a seleção do texto e os propósitos da leitura; e implementação, que inclui os momentos de pré-leitura, durante leitura e pós-leitura. Além disso, o trabalho no BALE também busca suporte na sequência básica do letramento literário proposta por Cosson (2009), que é constituída por quatro passos: motivação, introdução, leitura e interpretação.

Tomando por base as premissas de Graves e Graves (1995) e Cosson (2009), o BALE, desde sua criação em 2007, tem adotado uma sequência de estratégias de mediação de leitura: o **planejamento**, composto pela elaboração do plano de ação, e a **mediação**, composta pelos momentos de animação, introdução, contação, reconto e roda de leitura.

Na fase do **planejamento**, a equipe se reúne para ler e discutir textos teóricos, realizar rodas de leitura para formação de repertório literário, escolher obras de literatura a serem trabalhadas (de acordo com o público a ser atendido); discutir os objetivos, o espaço, a técnica de mediação e a distribuição de tarefas. Em seguida, é construído o plano de ação com o passo a passo de toda a atividade.

A fase de **mediação** de leitura é realizada através de cinco passos: animação, introdução, contação, reconto e roda de leitura. No momento inicial, que denominamos de **animação**, a equipe prepara o ambiente, organiza o cenário, expõe os livros, acolhe os discentes/participantes, apresenta o programa e a equipe, além de incentivar a motivação com músicas, brincadeiras, coreografias.

A **introdução** é o que consideramos o momento de convite à leitura, em que apresentamos o título, questionamos se os participantes conhecem a obra, conversamos sobre as expectativas levantadas, apresentamos o livro físico, exploramos a capa e a ilustração, fornecemos informações básicas e biográficas do(a) autor(a) e iniciamos a pré-leitura. Este passo visa levantar hipóteses, aguçar conhecimentos prévios, explorar o vocabulário, o título e a capa, verificar possíveis relações com as vivências dos discentes, despertar interesse pela obra a ser lida, ativar o botão decolar no universo da imaginação.

No terceiro momento, de **contação**, o mediador vai utilizar a técnica da estratégia de mediação escolhida, com a leitura da obra, contação da história e leitura dramatizada. O/os mediador/es vai/vão se comunicar com o público, podendo utilizar, como instrumentos de apoio da leitura: fantasias, instrumentos musicais, dedoches, fantoches, avental, objetos diversos, apetrechos, *slides*. O BALE utiliza diversas formas de mediar as histórias, sendo a contação de história um destaque nas atividades do Programa. Para melhor desenvoltura da equipe, fazemos estudos de técnicas de contação, de prosódia, de gestos, exercícios de voz e dicção, o que é recomendável e não recomendável na hora de contar, elementos para contar melhor (Sisto, 2012).

Após a mediação da leitura, realizamos o quarto momento adotado pelo BALE, o **reconto** da história lida. A equipe do Programa convida os participantes para recontarem a história. É um momento enriquecedor e único, em que as crianças, jovens ou adultos têm a oportunidade de expressarem as relações que estabeleceram com a história, reconstruírem oralmente o texto trabalhado, mas podendo acrescentar novos textos. O reconto permite que o leitor seja autor do texto, traga contribuições. Como mostra o trabalho de Souza,

[...] o reconto é construído em detrimento dessa relação com o texto base, e assim, compreendemos que quanto maior a coerência, maior a probabilidade de o indivíduo trazer os elementos que constituem o texto base. Isso não implica dizer que o texto base não foi alterado, mas que suas características peculiares

foram mantidas (Souza, 2015, p. 81).

Ao oportunizar recontar o texto lido/ouvido estamos valorizando a criticidade, a reflexão e criatividade dos sujeitos, nesse processo ocorre a formação e autoformação leitora. O reconto não é visto apenas como uma repetição de um texto que foi memorizado, mas como um acontecimento que desenvolve a oralidade, expande a compreensão e o vocabulário, instiga a imaginação.

Os momentos de reconto no BALE têm sido objeto de pesquisa devido às contribuições que trazem para a formação e autoformação leitora, principalmente das crianças, conforme explica Freitas (2020, p. 39): “o reconto é uma atividade livre, que a criança fica à vontade para recontar a história por ela ouvida, aproximando assim, a criança da leitura e despertando na mesma a curiosidade de cada vez mais ler.”

O quinto momento da sequência de mediação é a **roda de leitura**. Ao organizar o ambiente, a equipe estende tapetes em forma de círculo, cobertos por uma variedade de livros e almofadas, no espaço onde será feita a mediação. Após o reconto, os voluntários convidam os participantes para a roda de leitura, todos têm a oportunidade de escolherem os livros que quiserem para manusearem e realizarem sua leitura. A roda de leitura é considerada um passo relevante durante a mediação, pois propicia o acesso a uma diversidade de obras e a liberdade de escolha. É um momento exitoso, os participantes ficam à vontade, sentam-se ou se deitam no chão, ocupam outros espaços.

Além disso, a roda proporciona a socialização e partilha entre os participantes dos espaços atendidos, a equipe de membros e voluntários e as crianças, jovens ou adultos que integram o processo, em que se compartilha o auxílio nas leituras as histórias lidas. Ademais, o momento promove a aproximação do leitor com o livro, como objeto de desejo. É indispensável relatarmos que, em todas as mediações, apresentamos o livro a ser trabalhado e depois o colocamos junto aos demais livros disponibilizados para a roda de leitura. E sempre

observamos que o livro lido inicialmente é o mais cobiçado e que provoca mais curiosidade no público.

No decorrer de seus 18 anos de atuação, o Programa BALE tem primado pela democratização e acesso à leitura, especialmente ao texto literário. Para isso, mantém uma dinâmica de mediação que possibilita a aproximação e incentivo à leitura. É notório que as estratégias adotadas têm contribuído para a disseminação da leitura, a formação e autoformação de leitores e mediadores de leitura.

À medida que o Programa adota essas estratégias para formar sua equipe de membros e voluntários, a equipe desenvolve as mediações em diversos espaços escolares e não escolares, ao mesmo tempo em que as coordenações promovem oficinas de formação continuada para graduandos, pós-graduandos, professores da Educação Básica, agentes de leitura e bibliotecários. Podemos afirmar que o BALE contribui para a formação e autoformação leitora de todos os envolvidos. De acordo com Loss (2015) autoformar-se é estabelecer uma relação entre a formação individual e a formação coletiva:

Autoformar-se em espaços educativos formais ou não-formais significa vivenciar as experiências do eu individual e coletivo para projetar-se a novas possibilidades para ser, conhecer, fazer, conviver e viver plenamente. É dialogando e refletindo sobre o que somos e fazemos que é possível a projeção para o que desejamos ser e fazer durante a existência (Loss, 2015, p. 3).

Partindo dessa assertiva, o Programa BALE tem priorizado a mediação de leitura, tanto na Universidade, como local de funcionamento, quanto nos diversos espaços sociais de atuação. Do mesmo modo, esse processo contínuo possibilita vivenciar experiências formativas individuais e coletivas, em uma constante espiral, promovendo o encontro com a leitura dos leitores ou mediadores, promovendo formação e autoformação.

De acordo com os dados registrados nos arquivos do BALE ao longo das edições, o Programa já contou com mais de 68.797 pessoas envolvidas, em mais de 200 instituições, tanto na cidade de Pau dos Ferros, quanto na região do Alto Oeste e atuando em

outros Estados. Além disso, o espaço do BALE se configura como um laboratório de pesquisa, no qual vem se desenvolvendo investigações acerca de temáticas relacionadas às categorias que a proposta de extensão abarca, dentre elas, o impacto que a atuação no Programa tem na formação leitora das pessoas que atuam nas equipes do Programa, bem como daquelas que recebem as mediações de leitura nos espaços escolares e não escolares.

Enquanto laboratório de pesquisa, o Programa BALE tem sido objeto de estudo de teses, dissertações e monografias, além de envolver a produção de artigos para periódicos, capítulos de livros e anais de eventos, em um número considerável de produções que não temos como enumerar aqui, mas que encontram-se disponíveis no *site* <http://www.programabale.com.br/>. Estas pesquisas apresentam em seus resultados os impactos educacionais que as ações de extensão proporcionadas pelo BALE vêm alcançando em espaços escolares e não escolares, envolvendo um público que inclui todas as faixas etárias.

4 Conclusão

Esse trabalho evidenciou as estratégias de mediação de leitura desenvolvidas pelo Programa BALE. Entendemos a mediação como uma ponte que conduz à reciprocidade da troca de conhecimento pelos sujeitos. Nesse processo, o outro é o responsável por traçar caminhos que possibilitem essa troca e interação, aqui tendo como objeto de mediação o texto literário.

A mediação realizada pelo BALE tem perseguido uma sequência de estratégias que visam aproveitar melhor o texto, dialogar com o autor e a obra, enxergar os mundos escritos nas mais diversas obras, senti-los, compreendê-los e construir novos significados. Essas estratégias utilizadas pelo Programa chamam a atenção, convidam para a leitura. Ao vivenciar essas experiências, os mediadores de leitura em formação inicial ou continuada alargam horizontes e constroem saberes teórico-metodológicos para atuarem em sala de aula e demais espaços.

Por outro lado, as crianças, jovens e adultos atendidos se beneficiam de formas múltiplas, desde o acesso à leitura e o desenvolvimento da imaginação, da criticidade, interpretação, criatividade, até a formação de um vasto repertório de leitura. Portanto, a mediação de leitura realizada pelo BALE permite o acesso e a democratização da leitura, bem como a formação e autoformação de leitores e de mediadores de leitura, aspectos basilares para a formação do indivíduo na sociedade contemporânea.

Referências

- ÁVILA, Alaís R. Mediação. In: *Programa Prazer em ler: Registros espaços da emoção do caminho nas lidas com a mediação de leitura*. Instituto C&A CENPEC, 2007.
- BEZERRA, Keutre Gláudia da Conceição Soares; SAMPAIO, Maria Lúcia Pessoa. A subjetividade na formação do leitor literário no espaço do programa BALE. *Revista Leia Escola*. Campina Grande, v. 19, n. 3, 2019, DOI: <https://doi.org/10.35572/rle.v19i3.1400>. Disponível em: <https://ch.revistas.ufcg.edu.br/index.php/Leia/artic/e/view/1400>. Acesso em: 08 fev. 2025.
- CANDIDO, Antonio. A literatura e a formação do homem. *Remate de Males*, Campinas, SP, 2012, DOI: <https://doi.org/10.20396/remate.v0i0.8635992>. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/remate/article/view/8635992>. Acesso em: 07 fev. 2025.
- CAVALCANTI, Joana. *Caminhos da literatura infantil e juvenil: dinâmicas e vivências na ação pedagógica*. São Paulo: Paulus, 2002.
- CHARTIER, Roger. As revoluções da leitura no Ocidente. In: ABREU, Márcia (org.). *Leitura, história e história da leitura*. 2ª reimp. Campinas, SP: Mercado das Letras, 2007.
- CHARTIER, Roger. Novas tecnologias e a história da cultura escrita. Obra, leitura, memória e apagamento. *Revista Leitura: Teoria & Prática*, Campinas, São Paulo, v.35, n.71, 2017, DOI: <https://doi.org/10.34112/2317-0972a2017v35n71p17-29>. Disponível em: <https://ltp.emnuvens.com.br/ltp/article/viewFile/628/397>. Acesso em: 07 fev. 2025.
- COSSON, Rildo. A sequência básica. In: COSSON, Rildo. *Letramento literário: teoria e prática*. 2. Ed. São Paulo: Contexto, 2009.
- DE MARIA, Luzia. *O clube do livro: ser leitor, que diferença faz?* 2. Ed. São Paulo: Global, 2016.
- FREITAS, Renata Paiva de. *Conto e reconto com "O Mágico de Oz": Estratégia de autoformação no Programa BALE PORTALEGRENSE*. 139f. Dissertação (Mestrado Acadêmico em Ensino). Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. Pau dos Ferros, 2020.
- GRAVES, Michael. F; GRAVES, Bonnie. B. *A experiência de leitura por andaime: uma referência flexível para ajudar os estudantes a obter o máximo do texto*. Tradução: Marly Amarilha. UFA: UKRA, 1995.
- LOSS, Adriana Salete. A Autoformação no Processo Educativo e Formativo do Profissional da Educação. UFFS. In: *ANPEd*, 2015.
- MORIN, Edgar. *O método V: a humanidade da humanidade*. Tradução Juremir Machado da Silva. 5. ed. Porto Alegre: Sulina, 2012.
- PARRERAS, Ninfa. *Confusão de línguas na literatura: o que adulto escreve, a criança lê*. Belo Horizonte: RHJ, 2009.
- SALDANHA, Diana Maria Leite Lopes. *A formação leitora e de mediadores de leitura: uma experiência no programa BALE*. 2013. 198f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Departamento de Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, Mossoró, 2013.
- SISTO, Celso. *Textos e pretextos sobre a arte de contar histórias*. 3. ed. rev. e ampl. Belo Horizonte: Aletria, 2012.
- SOUZA, José Marcos Rosendo de. *Entre palavras e sinais: letramento literário, surdez e inclusão*. São Carlos: Pedro & João Editores, 2015.
- VIGOTSKI, Lev Semenovich. *Pensamento e linguagem*. Tradução Jefferson Luiz Camargo. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2005.
- VIGOTSKI, Lev Semenovich. *A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores*. Tradução José Cipolla Neto, Luís Silveira Menna Barreto, Solange Castro Afêche. 7. Ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.
- VIGOTSKI, Lev Semenovich. *Imaginação e Criatividade na Infância*. Tradução de João Pedro Fróis. São Paulo: Martins Fontes, 2014.
- VILLARDI, Raquel. *Ensinando a gostar de ler e formando leitores para a vida inteira*. Rio de Janeiro: Quality/Dunya Ed., 1999.